

## HISTORIOGRAFIA DOS ESTUDOS DE WILLIAN D. WHITNEY: A LEI DO MENOR ESFORÇO

Sebastião Elias Milani\*

**Resumo:** *Whitney era americano e estudou na Europa sob a égide da Gramática Comparada. Sua principal obra de teoria da linguagem foi publicada em 1875 e foi marcada pela influência das mudanças sociais, que fizeram o ser humano mais materialista e racional, e pela composição étnica de seu país. Sua pesquisa ficou concentrada nas necessidades práticas que enfrentava em seu dia-a-dia como professor. Seus conceitos denotam uma busca por soluções práticas para o aprendizado das línguas.*

**Palavras-chaves:** *menor esforço – língua – linguagem – neogramática*

### 1. Whitney em seu tempo

William Dwight Whitney nasceu em Northampton, Massachussets, a 9 de fevereiro de 1826. Filho do banqueiro Josiah Dwight Whitney e de Sarah Williston Whitney, foi o terceiro filho que sobreviveu. Aos quinze anos, em 1842, iniciou o curso universitário no Williams College. Terminou a graduação em 1845 e permaneceu por três anos trabalhando no banco de seu pai como caixa. Duas atividades ocupavam seu tempo livre: o estudo de línguas estrangeiras e o interesse pela história natural.

O auge da carreira de Whitney poderia ser apontado como o livro *The Life and Growth of Language* (1875) □ inicialmente escrito e publicado em inglês, e vertido pelo próprio autor para o francês (*La vie du langage*), única fonte de estudo nesse artigo. O livro parece ter alcançado grande sucesso, pois, no mesmo ano, foi traduzido para o alemão e o italiano.

Whitney é considerado neogramático, e sua obra está envolvida pelos elementos da segunda metade do século XIX. O texto *The Life and Growth of Language* discute e demonstra as dificuldades que o Professor Whitney enfrentava em seu dia-a-dia. Suas pesquisas se relacionavam com a necessidade de compreender o processo de aprendizagem

---

\* Professor Doutor Adjunto de Lingüística na Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO.

e os mecanismos que podem ser usados para compreender e até controlar a aprendizagem das línguas por parte das crianças.

É preciso fazer ainda algumas comparações entre as diversas fases da Era Romântica (Romantismo, Realismo, Naturalismo, Simbolismo, etc.), que perdurou por todo século XIX, para que se possa entender em que medida a obra de Whitney representa seu tempo. Na segunda metade do século XIX (Realismo para a literatura ocidental), o que estava em primeiro plano eram os elementos da realidade social, aqueles ligados aos problemas da sobrevivência da sociedade. Assim, todo sentido científico, político e econômico existia em função de melhorar a vida do homem em sociedade.

Comparando a primeira metade do século e a segunda, tomando a literatura como exemplo, o que se tem é que os temas predominantes na primeira parte, chamada Romantismo, são discussões espirituais relacionadas ao bem-estar moral do homem no mundo, enquanto que, na segunda, chamada Realismo/Naturalismo, os temas dominantes são discussões sobre o bem-estar físico do homem no mundo. Portanto, na segunda metade do século, dentro daquela realidade complexa, por ser urbana e industrial, as dificuldades dos homens estavam sempre relacionadas à vida em coletividade, ou seja, problemas exteriores, que os atingiam de fora para dentro, como necessidades básicas. As cidades em desenvolvimento industrial apresentavam enormes problemas para a sobrevivência e a qualidade da vida humana. As ciências chamadas humanas ganharam muito desenvolvimento nesse período, valendo-se dessas dificuldades de sobrevivência. Não deixam dúvidas os relatos dessas dificuldades encontrados em Rupert Christiansen (1994: 95), quando descreve a remodelação arquitetônica de Paris:

Hausmann tornou real a idéia de planejamento urbano, não só em termos de concepção arquitetônica, mas no que diz respeito a um modo de vida integral, um sistema de elementos inter-relacionados que serviria aos parisienses ao mesmo tempo em que controlava suas vidas. O que ele tentou e realizou, entre 1853 e 1870, não tem parâmetros: além de sessenta por cento da Paris atual permanecer de algum modo haussmannisé, seu exemplo pioneiro repercutiu em praticamente todas as grandes cidades do mundo ocidental.

Nesse momento, as ciências buscavam soluções para os malefícios do viver em grandes concentrações humanas. A obra de Whitney se encaixa nesse ponto, na busca da solução para o processo de aprendizagem de línguas — na verdade, uma tentativa de melhorar a eficiência do ato de ensinar. Antecipa-se neste ponto a condição historiográfica desse artigo, Whitney era americano, professor primário e com turmas de imigrantes e indígenas, os quais deveria alfabetizar em inglês. Sua preocupação estava distante da origem histórica, que dominava a Europa pós-descoberta do sânscrito e, conseqüentemente, do indo-europeu.

Quando se olha para os estudos sobre a linguagem realizados pelos comparatistas e neogramáticos na Europa, pode-se ver que os temas do final do século XIX ainda eram as origens da linguagem e o indo-europeu. O sânscrito ainda era estudado por muitos lingüistas, a exemplo de Whitney e Saussure, mas, diferentemente dos comparatistas, esses estudos neogramáticos, tinham, evidentemente, motivações práticas. Não havia mais a

definição idealista do modelo perfeito de linguagem, mas uma procura pela explicação do processo básico de existência da linguagem e da língua enquanto veículo de comunicação social.

O que é evidente na evolução dos temas sócio-científicos durante o século XIX é que eles partiram de uma discussão dos elementos espirituais e morais, ligados à emoção (chamado Romantismo), e chegaram, no final do século, a discutir sua existência social no mundo, até mesmo do ponto de vista espiritual, moral e emotivo – tanto como afirmação quanto como negação do sistema. Assim, a discussão no final do século era baseada na ação exclusiva da Razão (Realismo, Naturalismo e Simbolismo). Desse modo, ao longo do século XIX, os elementos abstratos e concretos do mundo foram cada vez mais dominados pela racionalidade.

## 2. A lei do menor esforço<sup>1</sup>

Whitney viveu numa sociedade que estava em pleno processo de formação. Como todos os países das Américas, apesar de ter sido o primeiro, os Estados Unidos também tiveram seu caráter social, político e lingüístico formado no século XIX. Porém, por mais distantes ou isoladas que as Américas estivessem da Europa, o movimento sociocultural seguia os mesmos modismos. As diferenças, entretanto, existiam e estavam ligadas à composição da população. Um contingente enorme de imigrantes chegava de todas as partes do mundo às novas terras.

Essa massa de novos habitantes falava as mais diversas línguas. Com eles traziam o que sabiam, mas, como todos os novos países, nos Estados Unidos tudo estava por ser feito, inclusive a cultura. Dessa forma, por mais resistente que tenha sido a língua oficial, ela certamente assimilou elementos culturais novos e assumiu modificações causadas pela ação de pronúncias vacilantes. Desse modo, foi criada uma imensa variedade de sotaques.

Na chegada do imigrante, no esforço de aprender o novo idioma, a tendência dessa massa de falantes, devido às dificuldades em assimilar tanta informação rapidamente, é reduzir a um número mínimo possível as formas que devem ser usadas. É assim que, nos tempos verbais, os aspectos mais complexos tendem a ser substituídos por formas mais comuns e mais freqüentes.

Whitney era professor de língua inglesa para crianças (nativas e não-nativas dessa língua). Dessa situação ele extraiu a metodologia que aplicaria no desenvolvimento de suas pesquisas. Todo o seu trabalho foi baseado na observação empírica do desenvolvimento do processo lingüístico. Seu objetivo ao fazer as pesquisas era extremamente prático e racional. Apesar das críticas que Saussure faria quanto à metodologia de seu trabalho, Whitney desenvolveu uma pesquisa interessada em resolver problemas que o afligiam em seu dia-a-dia. Ele vivia num país onde as circunstâncias educacionais eram bem mais precárias que as européias. Deixa claro no início de seu texto, seu intento, o assunto do seu livro era:

---

<sup>1</sup> Implica que todo o processo de transformação realizado pelos seres humanos constitui uma tentativa de diminuir o esforço despendido para a realização dos atos.

(...) encontrar e apoiar em exemplos os princípios da ciência lingüística, e estabelecer os resultados obtidos da maneira mais completa que o espaço de que dispomos permitir. O assunto ainda não está muito elucidado porque contém vários pontos controversos; mas nos eximiremos de entrar na controvérsia direta e nos esforçaremos por resumir as opiniões de maneira a fazer um todo coerente e aceitável nas conclusões. Sobretudo, não perderemos nunca de vista que, na série de tratados a que pertence esta obra, a clareza e a simplicidade são qualidades necessárias. Esperamos atingir nosso objetivo pesquisando os pontos de partida nas verdades já familiares e os exemplos nos fatos bem conhecidos (WHITNEY, 1880, p. 05).

Whitney extraiu muitos exemplos dessa realidade social, de certa forma lingüisticamente caótica: imigrantes de diferentes origens lingüísticas, negros escravizados na África, com diversas origens lingüísticas, e nativos indígenas, de muitas tribos, cada qual com uma língua diferente. Seu método de ensino visava a resolver as dificuldades em ensinar não-nativos e nativos de língua inglesa a língua inglesa que deveriam usar nos Estados Unidos. Definiu seu método como *direcionar a inteligente atenção do leitor para os pontos essenciais, mostrar-lhe o geral no particular, o fundamental no superficial em matéria de conhecimento comum*. Ele acreditava ser esse *um método de ensino que só seria coroado de bons frutos* (*idem*, p. 05).

Essa complexa realidade social também serviu a Whitney como espaço de observação para explicar o processo de importação de palavras. Ele explicou casos muito freqüentes em inovações culturais, em que palavras estrangeiras são importadas; situações em que uma ação qualquer resulta na criação de uma nova forma para uma mesma idéia. Nesses casos, argumentou Whitney, pode ser que ambas as formas sobrevivam e pode ser que uma supere a outra. Desse modo, palavras que pertenciam à tradição lingüística local podem dar seus lugares para formas que sejam novas naquele contexto.

Esse modo de mudança nas línguas, a importação, não é a única forma de criação de sinônimos. Pode ocorrer que um termo não mais seja exato para o novo objeto e uma nova forma seja necessária para o que está sendo descrito no contexto da língua. Esses casos são comuns nas inovações tecnológicas, sobretudo quando a evolução da tecnologia é muito acelerada, colocando dois objetos, derivados um do outro, concomitantemente na sociedade, obrigando a uma distinção entre ambos.

Evidentemente, todas as línguas modernas da Europa apresentam inúmeros exemplos de palavras de origem estrangeira. Em qualquer uma delas podem ser encontrados casos de importação por razões de inovação tecnológica, por fato social novo, pela entrada na cultura de um objeto desconhecido e derivado de outras terras e outros climas, etc. Whitney encontrava-se numa situação peculiar para observar esses fenômenos: o inglês em seu país, os Estados Unidos, além de trazer toda a tradição da colonização inglesa, estava passando por uma peculiar adaptação. São das observações que Whitney fez, em Massachussets, da mistura de culturas (européias, orientais e autóctones), que caracterizam os países americanos, de onde ele tirou suas conclusões sobre o processo de importação e de adaptação de termos estrangeiros no novo contexto lingüístico. Na citação abaixo, ele explica o que significa o empréstimo e que não existe dialeto (ou língua) que não tenha emprestado algo de seus vizinhos.

O empréstimo é, mais ou menos, o meio comum que todas as línguas empregam para se enriquecerem. Não existe dialeto no mundo que não tenha tomado qualquer coisa do dialeto vizinho. O que se adquire com mais facilidade por esta via são os substantivos que designam as instituições e as produções estrangeiras, cujos nomes que lhes deram os primeiros possuidores julgamos conveniente conservar quando as adaptamos ou as introduzimos entre nós (idem, ibidem, p. 96).

Whitney explicou as causas e os motivos da importação de termos. O recurso do empréstimo acontece por muitas razões e é necessário na língua de povos cujo desenvolvimento intelectual não foi plenamente atingido. Num determinado momento, esse povo passa por uma transformação em seu nível de exigência intelectual e sua língua não oferece os recursos necessários. Então, se um povo não alcançou ou não exigiu de si o desenvolvimento intelectual e muda de atitude numa determinada época, o natural desenvolvimento da arte e da ciência a partir dessa mudança cria uma necessidade de novos termos, exigindo soluções do pensamento. Invariavelmente, o recurso é a importação de termos apropriados de línguas que os possuam.

Parece ser natural no comportamento lingüístico que, na falta de termos técnicos adequados para determinadas necessidades, que não podem ser derivados na própria língua, os povos os busquem onde eles existam. É assim que os termos relativos às frutas típicas das Américas e outras regiões distantes da Europa entraram para as línguas européias, na forma como ficavam conhecidas pelos navegadores nos locais em que as encontravam. Salvo poucas exceções, como mostra Whitney, o mais fácil e comum é adaptar o termo estrangeiro à língua que o adota, adaptando traços fonéticos e morfológicos.

Assim, a banana é uma fruta tropical e um nome tropical; quase todas as nações da Europa conservaram o nome ananas para o fruto que, por uma derrogação à regra geral, os ingleses chamam pineapple; e a instituição do tabu, que pertence à Polinésia, é conhecida por este nome em mais de uma língua da Europa. Uma língua como a língua inglesa, pertencente a um povo misturado a todas as nações do mundo e cuja civilização fez empréstimos de todas, assimilou palavras pertencentes às línguas mais diversas (idem, ibidem, p. 96).

Assim, segundo Whitney, são muito comuns os empréstimos de termos técnicos, os quais pouco afetam a vida dos falantes comuns; quando, entretanto, eles são popularizados, recebem o mesmo tratamento das palavras da própria língua. Verbos muito raramente são emprestados, porque são de difícil emprego e aprendizado. Prefixos e sufixos também são difíceis de serem emprestados, porque são formas relacionadas à organização gramatical da língua; do mesmo modo e pelas mesmas razões, também as declinações. Nunca, ou muito raramente, modelos gramaticais são acrescentados por empréstimo de uma língua para outra. Logo, por mais palavras estrangeiras que uma língua possa ter, ela continua fiel a sua forma gramatical original.

Quanto ao elemento da forma gramatical, Whitney conhecia dos comparatistas as explicações do modo como a língua recebe os acréscimos lingüísticos e como ela adapta as

inovações a suas estruturas e tipologia. Nada que seja diferente da forma original da língua é aceito por ela. Os mecanismos da língua possuem uma exata regularidade, de forma que o que foge a essa regularidade é eliminado do contexto.

Humboldt e os comparatistas explicaram muito bem as possibilidades tipológicas das línguas da Terra. Dessa forma, como Whitney<sup>2</sup> estudou profundamente a obra de Humboldt e de outros comparatistas, ele tinha um campo lingüístico único para ser estudado a sua disposição: línguas flexionais européias e isolantes orientais, que chegavam a seu país com os imigrantes, e línguas incorporadoras (polissintéticas), faladas pelos indígenas nativos.

Mas o comparatismo já ia longe e Whitney, diferentemente dos europeus, não podia estar preocupado com a *origem* de sua língua. Apesar de ter estudado sânscrito como todos os europeus, ter estudado na Alemanha e ter sido aluno de Franz Bopp, o comparatismo e a preocupação em determinar a origem das línguas não podiam existir nesse americano que via seu país dividido numa luta entre Norte e Sul. Seu interesse estava ligado às necessidades práticas do professor Whitney.

É por essas circunstâncias variadas formas lingüísticas, cultura particularmente em formação, ser professor de gramática que Whitney desenvolveu pesquisas sobre temas como modificações nas formas e nas palavras das línguas, o processo do aprendizado da língua na criança, o processo de aprendizado de uma língua estrangeira. Fez uma classificação completa das possibilidades de mudança nas classes e nas formas da língua, e afirma textualmente que nenhum caso de mudança na língua fugiria aos três grupos de possibilidades citados abaixo.

1º Alteração dos velhos elementos da linguagem; mudança nas palavras, que se conservaram como substância da expressão, e mudança de duas maneiras: primeiro, mudança do som articulado; em seguida, mudança de significação: as duas, como veremos, podem se produzir juntas ou separadamente.

2º Destruição dos velhos elementos da linguagem; desaparecimento do que estava em uso e isso de duas maneiras também: então, perda de palavras inteiras; em seguida, perda das formas gramaticais e das distinções.

3º Produção de elementos novos; adição aos velhos elementos de uma língua ao lado de nomes novos ou novas formas; expansão externa de recursos da expressão (*idem*, *ibidem*, pp. 36-37).

É importante verificar que Whitney conceituou a língua como uma instituição concreta, como qualquer outra existente na sociedade e, por isso, ela devia e podia ser aprendida do mesmo modo que qualquer uma dessas instituições. Por ser igual às outras instituições, a língua também é transmitida de uma geração para outra.

Whitney escreveu que o indivíduo aprende sua língua quando recebe daqueles que o cercam os signos articulados que a compõem e, a partir desse ponto, formula suas próprias concepções de uma maneira concordante com esses signos. É assim que as línguas sobrevivem: se o processo de transmissão for interrompido, a língua morre.

---

<sup>2</sup> Reconhecido na historiografia lingüística como humboldtiano.

(...) o indivíduo aprende sua língua recebendo os signos articulados de que ela se compõe daqueles que o cercam e formulando suas concepções de uma maneira concordante com estes signos. É assim que as línguas subsistem. Se este procedimento de transmissão terminar, as línguas desaparecerão. Mas este é apenas um dos lados da vida da linguagem. Se não existissem outros, cada dialeto falado permaneceria eternamente o mesmo. Cada uma das duas influências exercidas sobre as línguas se mantém mais ou menos a mesma. É isso que conserva o caráter de identidade geral do discurso ao longo do tempo em que a sociedade a que este discurso pertença conservar ela mesma sua identidade, abstração feita das grandes revoluções políticas que algumas vezes levam um povo inteiro a adotar a língua de um outro povo. Esta é a grande força de conservação que se mostra na história das línguas. Se não intervier qualquer força contrária, os homens continuarão a falar exatamente da mesma maneira até a última geração (idem, *ibidem*, p. 26).

O mesmo Whitney afirmou que a língua não se caracteriza somente pela conservação. A língua está diretamente relacionada a movimento: caracteriza-se por estar em constante formação. É dessa maneira que as sociedades conservam suas identidades de modo intacto por longos períodos. Assim, a conservação e a transformação/adaptação das estruturas das línguas formam um conjunto e configuram-se *na grande força de preservação* das línguas de que falou Whitney.

Toda língua viva está em via de formação e de mudanças continuadas. Em qualquer lugar do mundo, se encontramos ao lado da língua em uso monumentos da mesma língua que remontam a uma época anterior, as diferenças entre o idioma atual e o idioma passado serão sempre maiores se esses monumentos forem mais antigos (idem, *ibidem*, p. 27).

O que se pode concluir é que existe uma resistência de conservação no contexto lingüístico, mas os indivíduos sempre agem no sentido de adaptar sua língua a suas necessidades, provocando mudanças. Então, nas sociedades em que os indivíduos permaneçam muito fechados, as mudanças tendem a ser lentas; por outro lado, naquelas que interagem com muitos povos com muita freqüência, elas se modificam mais.

Entretanto, apesar de todas estas variedades, a língua é uma só; ela é uma, porque mesmo que aqueles que a falam possam não se entender sobre alguns assuntos, existem outros, mais familiares e de interesse comum, sobre os quais eles podem trocar suas idéias. Como o objeto direto da linguagem é a comunicação do pensamento, a possibilidade desta comunicação faz a unidade de uma língua (idem, *ibidem*, p. 130).

Valendo-se da observação dessas circunstâncias socioculturais, Whitney separou a língua da linguagem. O indivíduo tem uma capacidade lingüística, natural e única entre os seres do mundo, que carrega consigo, e ele aprenderá uma língua todas as vezes que essa

capacidade for posta em movimento. Assim, o aprendizado lingüístico é igual a qualquer outro, é feito pela experimentação. Essa experimentação poder ser realizada de diversos modos: pelo processo didático escolar, pela convivência com outros falantes, etc. — mas sempre por um processo de transmissão do conhecimento de um falante mais experiente para um menos experiente.

(...) a linguagem dos animais não é apenas inferior à do homem, ela é tão essencialmente diferente que não se pode nem mesmo dar a uma e a outra o mesmo nome. A linguagem propriamente dita é uma das características fundamentais da natureza humana, uma de suas faculdades principais (idem, *ibidem*, pp. 02-03). A linguagem é, em suma, a manifestação mais evidente das altas faculdades do homem, aquela que mais influi sobre as outras, e é este conjunto de altas faculdades que se chama vagamente de razão (idem, *ibidem*, p. 250).

A sociedade em que Whitney viveu estava em franco processo de industrialização. Assim, é evidente que, no contexto, a ciência se esmerava em criar elementos que resolvessem os problemas derivados da industrialização e que ajudassem no processo de evolução dessa indústria. Se era cobrada do cientista uma atitude racional com vistas a resolver as dificuldades da indústria nascente, certamente todos os cientistas, mesmo aqueles que estivessem fora do eixo da indústria, como Whitney, fossem contaminados pela idéia de ser racional e explicar tudo o que se apresentava no contexto social a partir da realidade concreta.

Mas não se deve esquecer de que Whitney tinha a sua disposição todos os estudos dos comparatistas e que, ao tempo da publicação de *The Life and Growth of Language*, a Neogramática já era há muito tempo a principal corrente de estudos lingüísticos. Além de poder conhecer a obra dos comparatistas, Whitney tinha a seu dispor os avanços dos neogramáticos: uma visão prática da ciência da linguagem e uma metodologia voltada para a forma materializada da língua. “Hostis às concepções românticas do século que chega ao fim, eles (neogramáticos) acentuam, antes de mais nada, a regularidade das leis fonéticas, apoiando seus trabalhos nos princípios do positivismo” (PAVEAU & SARFATI, 2006: 25).

Whitney não tinha dúvidas: o estudioso da linguagem, ou a Lingüística enquanto ciência, tinha seu papel determinado pelo espaço que era destinado a ele dentro da sociedade. Enquanto ciência, e uma vez sendo ciência, a Lingüística recebeu uma incumbência social, ou seja, a sociedade já instituíra o papel que essa força deveria desempenhar em seu seio. Quando se verifica o projeto de estudo de Whitney, descobre-se que cabia à Lingüística estudar toda a linguagem. Porém, “toda a linguagem” significava não só a expressão do pensamento, mas também os elementos constituintes e a organização sintática, isto é, estudar a forma e o conceito.

Durante o estudo dessa constituição básica da forma e do conceito, a Lingüística deve perguntar sobre a origem e a causa das variedades ou da diversidade da linguagem, levando em consideração a relação que a linguagem tem com o pensamento, já que são estruturas completamente imbricadas uma na outra. Mas, se existe uma relação entre o

pensamento e a linguagem, esse fato teve ou tem uma origem. Logo, essa origem também deve ser uma preocupação dos lingüistas.

Em síntese, Whitney concebeu a linguagem em dois planos: um passado e um presente, que são complementares. Se a linguagem tem um passado e um presente, caberia à Lingüística estudar e, sendo possível, determinar qual o alcance desse passado e desse presente. A língua é parte da sociedade: a função social e a razão de sua existência nessa sociedade devem, então, ser parte do estudo que a Lingüística deve fazer.

De modo indireto, a Lingüística tem a incumbência de estudar o progresso da humanidade, ou seja, o progresso da história das raças e as relações entre essas raças, bem como os movimentos que a humanidade realiza através de suas migrações. Logicamente, pode-se perceber que Whitney falava um pouco consigo mesmo nessas afirmações e um pouco com seus contemporâneos e sucessores, entre esses, Ferdinand de Saussure.

Assim, o objeto de estudo da Lingüística, em Whitney, é a história da linguagem, desde seu limite mais remoto no passado, com todas as relações com qualquer fator das sociedades e com o indivíduo, mais sua forma e seu uso no presente.

Não existe um homem de reflexões que nunca tenha conhecido o imenso interesse que desperta, em si mesmo, semelhantes problemas, e não existe um só filósofo que não tenha de algum modo procurado a solução. Entretanto, os progressos feitos nesse sentido pelo espírito humano foram durante muito tempo tão pequenos que se pode dizer que a lingüística é uma ciência moderna como a geologia e a química, e, como elas, pertence ao século dezenove. A história da ciência lingüística não faz parte do nosso assunto. Não poderíamos, no quadro estreito deste volume, dar-lhe um lugar suficiente, e as poucas palavras que deveremos dizer estarão no último capítulo. Apenas nascida, a ciência da linguagem já é um dos grandes pontos de partida da crítica moderna. Ela é tão ampla em sua base, é tão definida em seu objeto, tão severa em seu método, tão fecunda em seus resultados quanto qualquer outra ciência (idem, *ibidem*, p. 4).

Desse ponto de vista, Whitney estava numa singular situação cultural para o estudo da linguagem. Os imigrantes tendiam a simplificar o uso da língua para facilitar seu aprendizado. A industrialização exigia atitudes simples, eficientes e, principalmente, rápidas. E a sociedade urbanizada desenvolvia uma cultura prática e uma vida cara e fatigante. Nesse contexto, economizar esforço parecia ser a tônica de tudo que estivesse compondo a sociedade. Simplificar para ser eficiente; simplificar e continuar sendo eficiente — esta devia ser a fórmula mais freqüente no pensamento do indivíduo.

Whitney explicou todas as mudanças lingüísticas pela lei do menor esforço. O indivíduo exercita sua língua no sentido de a aperfeiçoar. A perfeição lingüística encontra razão de ser nas formas abstratas e simples e que se caracterizam por ficarem cada vez menores. Essa tendência lingüística certamente sempre existiu, mas é evidente que, em sociedades isoladas, a evolução lingüística é muito mais lenta. Logo, Whitney inferiu a lei do menor esforço no comportamento lingüístico humano nesse contexto com tantos imigrantes, ainda inspirado no contexto socioeconômico da industrialização.

O caráter dessa tendência é perfeitamente reconhecível na abreviação de palavras. Não é, evidentemente, necessária outra explicação para a contração gradual da forma que se produziu em todas as línguas. Observamos mais acima numerosos exemplos de abreviações feitas pelos ingleses na passagem que citamos: o mais flagrante é aquele de *knights* (que se pronuncia *naïts*) no lugar de *knights*, no qual vimos a supressão de dois elementos da palavra, e a palavra inteira reduzida à articulação de uma só sílaba. É muito fácil ver que isso tende à simplificação do esforço, e podemos, com efeito, perceber a dificuldade que há para articular um *k* diante de um *n* pronunciando a última palavra *knights* (*idem, ibidem, pp. 42-43*).

A guisa de uma conclusão, em Whitney a língua é eminentemente social, ou seja, é um produto da sociedade. Por estar na sociedade como uma instituição coletiva, ela é transmitida pelo contato entre os indivíduos da coletividade, passando de geração em geração: os mais velhos executam a integração dos novos indivíduos no grupo de falantes.

A língua traz em si as marcas do contexto específico em que foi cunhada. Por isso estudar a língua nacional em Whitney é tomar posse dos elementos lingüísticos existentes naquele ambiente, de modo a usá-los de uma maneira melhor. Uma vez que o indivíduo seja lingüisticamente maduro, ele pode modificar a língua de sua nação, fazendo acréscimos ao contexto da língua por força da colocação em evidência de aspectos que estavam latentes. De qualquer forma, o indivíduo só pode modificar a língua se alguma parte de seu discurso for integrada, pela coletividade, na língua. Assim, quem modifica a língua é a sociedade e não o indivíduo.

A linguagem é uma capacidade inata aos seres humanos, enquanto a língua é uma materialização social e histórica dessa capacidade. Dessa forma, a linguagem humana não muda: o que muda é a língua, que é fruto da força do pensamento atuando na linguagem. Dessa relação, duas conclusões importantes podem ser tiradas: a linguagem só existe para a expressão do pensamento; e a língua é a forma concreta e coletiva da união do pensamento com a capacidade de linguagem.

O que se percebe estudando a obra de Whitney é que ele se via envolvido, em sua profissão, com dificuldades básicas: falta de conhecimentos para resolver suas necessidades como professor. Tentou resolvê-las, estudando-as pela observação e experimentação. Inspirado por uma sociedade mecanizada e modernizada, mas muito jovem e cheia de misturas culturais, ele aplicou uma visão prática e racional para explicar e responder suas dúvidas a respeito da língua e da linguagem.

Whitney tem claramente pensamentos situados numa sociedade já muito preocupada com os problemas coletivos. Ele era professor, num país cheio de imigrantes e índios, um país que precisava descobrir uma identidade para si mesmo. Seu campo de observação estava muito distante dos problemas relacionados com a origem do grupo indo-europeu, e, apesar de ter sido estudioso dos comparatistas, principalmente de Bopp e Humboldt, sua inspiração estava direcionada para a cultura em formação que caracterizava seu país.

Assim, a clara separação que Whitney fez entre a linguagem e a língua, sendo essa última uma instituição concreta, que podia ser aprendida como qualquer outra instituição nacional, encontra respaldo no ambiente em que vivia: muitos indivíduos de muitas origens, todos aprendendo a viver no novo país e a falar a língua da nova Pátria.

## Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- BRIGGS, Asa (Org.). *Historia de las civilizaciones - El siglo XIX*. Trad. de José M<sup>a</sup>. Balil Giró. Madrid: Labor, 1989.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historio-grafia*. Trad. de Nilo Odália. São Paulo: EDUNESP, 1991.
- CHRISTIANSEN, Rupert. *Paris Babilônia: a capital francesa nos tempos da Comuna*. Trad. de Valéria Rodrigues. São Paulo: Record, 1994.
- GÉRARD, René. *L'Orient et la pensée romantique allemande*. Paris: Didier, 1963.
- HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas - Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular*. Trad. de Carmen Artal. Barcelona: Anagrama, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Trad. y prólogo de Ana Agud. Barcelona: Anthropos, 1990.
- MILANI, Sebastião Elias. *As idéias lingüísticas de Wilhelm von Humboldt*. FFLCH/ USP, São Paulo, 1994. Dissertação de Mestrado, inédita, mimeo.
- PAVEAU, Marie-Anne & SARFATI, Georges-Élia. *As grandes teorias da Lingüística da Gramática comparada à Pragmática*. Trad. de Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bailly & Albert Sechehaye e com a colaboração de Albert Riedlinger. Paris: Payot, 1931 [1<sup>a</sup> ed. 1916].
- \_\_\_\_\_. *Curso de lingüística geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 18.ed. São Paulo, Cultrix, 1995 [1971].
- WHITNEY, William Dwight. *La Vie du langage*. Paris: Germer Baillièrre, 1880.
- \_\_\_\_\_. *Sanskrit Grammar*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1977.

**Abstract:** *Whitney was American and studied in the Europe under the shield of the Comparative Grammar. His most important work of language theory was published in 1875 and was marked by the influence of the social changes, which turned the humane kind more materialist and rational, and by the ethnic composition of his country. His research concentrated in the practical needs that he faced in his everyday life as a professor. His concepts denote a search for practical solutions for the languages learning.*

**Keywords:** *Least effort – language –neogrammarian*